

Luiz Antonio Simas

SÃO JORGE

O santo do povo e
o povo do santo



 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Luiz Antonio Simas

SÃO JORGE

**o santo do povo e
o povo do santo**



 **Planeta**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Luiz Antonio Simas, 2026
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Todos os direitos reservados.

Preparação: Mariana Gomes
Revisão: Valquíria Matioli e Fernanda Guerriero Antunes
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Victoria Carvalho (@menosdesign_)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Simas, Luiz Antonio
São Jorge: o santo do povo e o povo do santo / Luiz Antonio Simas. —
São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
112 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-422-4060-3

1. Jorge, Santo, m. 303 2. Religião – História 3. Santos 4. Umbanda
5. Candomblé I. Título

26-0319

CDD 235.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Religião : História : Santos



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2026
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista
São Paulo – SP – CEP 01310-913
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em
Adobe Garamond Pro e
impresso pela Lis Gráfica
para a Editora Planeta do Brasil
em março de 2026.

Sumário

Introdução	7
1. O mártir.....	15
2. O santo do mundo.....	29
3. De Portugal ao Brasil	49
4. O santo suburbano.....	55
5. Ogum e Oxóssi	73
6. O santo da guerra e da Lua.....	86
7. Em avenidas e estádios	96
Conclusão	105
Referências bibliográficas	107

O mártir

A distância entre o bairro de Quintino Bocaiuva, na Zona Norte do Rio de Janeiro, e a Capadócia, na Turquia, é de quase 11 mil quilômetros. Um turista que parta do Rio de Janeiro disposto a visitar a região turca – famosa pelas paisagens que emolduram passeios de turistas em enormes balões coloridos – passará cerca de vinte horas dentro de um avião. É no mínimo surpreendente, portanto, que a maior festa em louvor a um santo cristão realizada na cidade no século XXI tenha o bairro de Quintino como ponto de referência e celebre um soldado que, segundo as versões mais populares, teria nascido na Capadócia há mais de mil e setecentos anos.

Como começa essa aventura de poucas certezas e dezenas de narrativas ancoradas na fé, encruzilhada entre o mito e a história, que, atualmente, cria um alvoroço festeiro envolvendo igrejas, esquinas, botequins, escolas de samba e terreiros de macumba no coração do subúrbio carioca?

Não se conhece referência sobre a vida de São Jorge anterior ao fragmento de um texto escrito em grego, datado do século V d.C., com um registro de autoria enigmático: o autor do arrazoado assina apenas como um “discípulo do mestre Jorge”.

Sem maiores detalhes sobre a vida do personagem, o fragmento descreve somente o martírio a que ele foi submetido em virtude de ser cristão. No período, durante o governo do imperador Diocleciano, ocorreu a última grande perseguição aos seguidores de Jesus Cristo no Império Romano.

Segundo o relato do discípulo, o mestre Jorge suportou, com destemor, marteladas no crânio, teve garfos em fogo espetados no peito, pregos cravados pelo corpo e, como um Prometeu cristão, sofreu ataques de aves de rapina. Resistiu a tudo isso com valentia, sem dar um pio, e foi decapitado.

O fragmento ainda atribui ao mestre prodígios extraordinários. Jorge, depois de morto, curou uma criança, devolveu saúde a um boi que estrebuchava e ressuscitou quatrocentos defuntos. Nesse caso, são simplesmente 397 ressurreições a mais que as feitas por Jesus, que, nos evangelhos, ressuscitou apenas Jairo, Lázaro e o filho de uma viúva.

No século X, mais precisamente no ano de 916, surgiu um segundo relato escrito, anônimo e bem mais detalhado, sobre a vida e a morte de São Jorge, então referido como santo mártir, e não mais como mestre. Ainda que careça de fontes históricas precisas, foi essa a versão que se

popularizou no mundo inteiro e moldou boa parte do imaginário a respeito do santo.

Segundo a versão mais tradicional, Jorge nasceu na Capadócia, região de Anatólia, na atual Turquia, à época do domínio romano, no ano de 275 d.C. (em versões menos propaladas, nasceu em Lida). Foi filho de dois cristãos, Gerônimo e Policrômia. Ainda jovem, migrou para a Palestina e entrou para o Exército de Roma. Morou em Nicomédia (hoje İzmit, na Turquia), foi tribuno militar e guarda pessoal do imperador Diocleciano, o qual, inclusive, nutria por ele apreço e alguma simpatia.

Os tribunos militares romanos – importantes na República e no Império – eram, em geral, jovens oficiais que comandavam e administravam legiões e davam suporte aos oficiais superiores. As legiões foram unidades do Exército de Roma que, no auge do Império, chegaram a contar com 5 mil soldados; entre cem e trezentos deles pertenciam à cavalaria.

Tudo ia bem para Jorge até que Diocleciano, em 303 d.C., estimulado por Galério, administrador das províncias balcânicas do Império, lançou éditos (medidas judiciais publicamente anunciadas) que estabeleceram as normas para a perseguição sistemática aos cristãos.

Não foi a primeira grande perseguição aos seguidores de Cristo que Roma colocou em prática. Em maior ou menor grau, a perseguição aos cristãos começou a se tornar comum a partir do governo de Nero. Segundo Públio Tácito, senador e historiador de Roma, Nero atribuiu aos

cristãos a ocorrência do grande incêndio de Roma. Versões mais populares dizem que o próprio Nero teria mandado incendiá-la.

Para alguns, o imperador destruiu parte de Roma indignado porque o senado vetara seu projeto de desapropriação de parte da cidade para a construção de um complexo palaciano; para outros (especialmente historiadores, memorialistas e romancistas cristãos), Nero estava demente e resolveu tacar fogo na capital do Império para tocar lira e produzir um poema à altura do que Homero fizera com a Guerra de Troia. Essa versão do imperador ensandecido chegou aos cinemas no século XX, no filme *Quo Vadis*, épico de Hollywood em que Peter Ustinov representa Nero, Sophia Loren é uma mulher escravizada e Elizabeth Taylor, uma cristã perseguida no Coliseu.

O mais provável é que Nero, entrando de gaiato no navio nessa história do incêndio, tenha apenas resolvido se aproveitar dela. As chamas possivelmente se alastraram porque os romanos que habitavam construções de madeira costumavam usar o fogo para se aquecer e cozinhar alimentos. Em virtude de um acidente doméstico, o fogo teria se disseminado, destruindo parte da cidade. A perseguição aos cristãos durante o governo de Nero, logo após o foga-réu de Roma, vitimou, entre outros, os apóstolos Pedro e Paulo.

As ações do Estado contra os cristãos continuaram durante os governos dos imperadores Domiciano e Trajano. Com Domiciano, a base de argumentação jurídica para as

perseguições se estabeleceu. O cristianismo foi declarado *religio illicita*, ou seja, religião ilegal, com o argumento de que os cristãos estimulavam a quebra da unidade e da estabilidade do Império. Apesar disso, não foram registradas grandes perseguições contra os cristãos durante um longo período, até o lançamento do Édito de Décio, no ano de 250 d.C. Na ocasião, problemas econômicos e militares (com a pressão representada pela ameaça efetiva dos chamados “povos bárbaros” nas fronteiras do Império) levaram o imperador Caio Décio a tentar fortalecer a unidade de Roma contra os inimigos.

O Édito de Décio estabeleceu para todos os cidadãos do Império a obrigatoriedade de fazer um sacrifício público para os deuses (o *supplicatio*). Dessa forma, os que fizessem oferendas obteriam o *libellum*, certificado de comprovação do sacrifício. Os cristãos que se recusaram a cumprir o *supplicatio* foram, por isso, mais facilmente identificados e duramente perseguidos, com o crescimento do número de prisões, torturas e mortes.

Após o duríssimo período da perseguição de Décio, os cristãos tiveram relativa tranquilidade durante o governo de Galiano, filho de Décio, que, após a morte do pai, emitiu um édito de tolerância ao cristianismo. A paz perdurou por quatro décadas. O período de apaziguamento foi interrompido exatamente pela citada grande perseguição do governo de Diocleciano, entre 303 d.C. e 311 d.C., sendo a última e mais violenta perseguição oficial ao cristianismo determinada por Roma.

O argumento utilizado pelo governo de Diocleciano foi o de que o cristianismo estimulava a quebra da unidade do Império ao negar os deuses de Roma. Entre outras coisas, os éditos de 303 d.C. determinaram a destruição de templos e a queima de textos cristãos, a prisão, o martírio e a possibilidade de pena de morte aos seguidores de Jesus Cristo, além da obrigatoriedade de soldados a serviço do Império realizarem sacrifícios aos deuses.

Segundo o citado relato do século X, Jorge não se curvou à medida do imperador, se declarou cristão – sendo adepto da religião herdada dos pais –, recusou benefícios ofertados para renegar a fé em Jesus Cristo e foi, por isso, condenado. Ao contrário do fragmento do século V d.C., que falava de marteladas, pregos e aves de rapina, o texto indica que Jorge suportou a roda de gládios, que esticava e despedaçava os músculos, andou sobre o fogo e saiu ileso de uma fossa de cal. Foi degolado, por ordens do próprio Diocleciano, no dia 23 de abril de 303 d.C., em Nicomédia.

Nessa segunda versão, o santo ressuscitou um morto – 399 a menos do que teria feito segundo o relato do século V –, salvou o boi de Glicério, um camponês pobre, de forma milagrosa e ainda foi responsável pela conversão da imperatriz Alexandra, esposa de Diocleciano, ao credo cristão. Ela teria se convertido ao cristianismo ao testemunhar o martírio e a resistência do soldado. Ainda segundo o relato do século X, o corpo de São Jorge foi enterrado em Lida. Outras versões apontam Nicomédia como destino do cadáver.

Martirizado e degolado por negar os deuses de Roma, Jorge foi reabilitado a partir da conversão do imperador Constantino ao cristianismo. Segundo o bispo Eusébio de Cesareia, Constantino sonhou com uma cruz ao mirar o sol na véspera da vitória que conquistou na Batalha de Ponte Mílvia, no ano de 312 d.C. Na ocasião, o imperador enfrentava Magêncio, considerado usurpador do trono de Roma. Na cruz do sonho de Constantino, estava escrita a frase “*In hoc signo vinces*”, “por este sinal conquistarás”.²

Foi o convertido Constantino que determinou a construção de um oratório para São Jorge no local de seu provável sepultamento, fato crucial para a difusão da fé no guerreiro de Cristo. Até hoje o túmulo é um monumento de peregrinação de devotos do mundo inteiro.

Para entender os mitos, as histórias, lendas e os milagres atribuídos a São Jorge, convém colocar uma questão que ancora tudo isso: o que é exatamente um santo? Sendo mais preciso: o que transforma alguém em santo?

A santidade

É impossível pensar a formação do cristianismo sem considerar a circunstância histórica em que, durante o período de predomínio do Império Romano em partes da Europa,

² Eusébio de Cesareia, 2000.

da Ásia e do Norte da África, os cristãos se apegam à crença, baseada na tradição judaica, em um mundo criado por um único Deus. A criação, porém, sucumbe à imperfeição quando os homens cedem às tentações do mal e são expulsos do paraíso. Desde então, os humanos travam uma constante luta interior em busca da salvação da alma. O pecado, todavia, está sempre à espreita.

A partir desse dado, um desafio fundamental é colocado a todos os viventes: como resistir às tentações do mal e amenizar a ira de Deus diante dos erros humanos? Para a ortodoxia judaica, um dos caminhos para isso passa pelo exercício cotidiano de uma austeridade expressa no controle dos desejos do corpo, através de jejuns, ritos de purificação, sacrifícios de expiação etc.

Bebendo da fonte do judaísmo, mas indo além dele, o cristianismo redefiniu a luta incessante dos homens contra as tentações e perdições ao reconhecer Jesus Cristo como mediador entre as fragilidades do ser humano e a perfeição expressa no Deus único. Para uma parte dos judeus mais pobres, marginalizada pela inflexibilidade dos sacerdotes e pela dificuldade de se comunicar com o Criador, muitas vezes inclemente e furioso, encontrar o intermediário humanizado, capaz de interceder diretamente ao Pai, apontava um caminho de salvação possível.³

Originalmente, o judaísmo colocava-se em oposição à veneração de imagens, destacando os riscos da idolatria

3 Simas, 2022, p. 11.

que, diante da supremacia política de Roma, poderia desvirtuar a devoção a Deus. O cristianismo dos primeiros tempos manteve a mesma perspectiva, até se perceber diante de uma conjuntura em que a recusa inflexível ao que seria idolatria apresentou-se como uma barreira à penetração da fé em Jesus Cristo entre diversos segmentos sociais do Império Romano. Como convencer homens e mulheres que passaram a vida cultuando imagens que elas simplesmente devem ser repudiadas? Seria mais eficaz, para consolidar e expandir a fé em Cristo nas entranhas do Império, dar novos sentidos a elementos da religiosidade romana em vez de simplesmente os negar.

Por volta do ano 50 d.C., Pedro, Tiago e Paulo – lideranças fundamentais dos primeiros tempos do cristianismo – comandaram o Concílio de Jerusalém, reunião que examinou uma questão decisiva para os destinos da cristandade: os não judeus que virassem cristãos deveriam cumprir os rituais das leis judaicas, como a prática da circuncisão? Prevaleceu a opinião de Paulo, que considerava a adesão à palavra de Jesus Cristo suficiente para que qualquer um passasse a pertencer à Igreja. Para ser cristão não era necessário ser judeu. A medida, conhecida como Decreto Apostólico, foi o marco decisivo da cisão entre o cristianismo e o judaísmo.

Nesse processo, evangelizar os pagãos para que eles aderissem à cristandade passou a moldar o novo culto de formas diversas. Como sugeriu o historiador francês Jacques

Le Goff,⁴ o cristianismo se desloca da franca oposição às práticas religiosas de Roma e, gradualmente, busca reconfigurar e atribuir a elas sentidos diversos, diante da abertura da igreja para fiéis de todas as origens. É dessa circunstância que surgem a ideia de santidade e a figura do santo.

Nos primórdios do cristianismo, Jesus Cristo foi visto como o único mediador entre os homens e Deus. Essa perspectiva se modifica a partir de inúmeros debates teológicos sobre a Santíssima Trindade entre os cristãos. A partir deles, Jesus Cristo deixa de exercer o papel de mediador para ser colocado como pessoa da trindade, ao lado do Deus Pai e do Espírito Santo. A mediação entre os homens e Deus passa então a ser exercida pelos santos.

A primeira resposta que pode ser dada à indagação proposta – o que é exatamente um santo? – é esta: santo é aquele que, por seus feitos em vida, vira um interlocutor entre os homens e Deus (o Pai e o Filho). Surge agora a segunda questão: o que transforma alguém em santo?

A partir da trajetória dos apóstolos, o cristianismo definiu como primeiros santos os mártires; aqueles que sofreram suplícios, suportaram sem titubear dores tremendas e acabaram morrendo pela fé em Jesus Cristo. Eles surgiram em virtude das perseguições que os cristãos sofreram durante o Império Romano, especialmente nos governos de Nero, em 54 d.C., e Diocleciano, autor das já mencionadas medidas do ano 303 d.C. Mortos pela fé em Cristo,

⁴ Le Goff, 2014, p. 54.

os mártires passam a ser aqueles capazes de mediar súplicas e desejos dos fiéis, já que teriam recebido, exatamente em virtude do martírio, a recompensa de estar, após a morte, no paraíso, na presença do Senhor.

Para ilustrar os enredos que caracterizam o martírio, podemos relembrar o processo de santificação de outro (como São Jorge) militar de Roma: São Sebastião, o mártir que, ao contrário do que muita gente imagina, não morreu flechado.

As versões mais propagadas sobre a vida de São Sebastião revelam que ele nasceu em Narbonne (província romana da Gália, hoje França), por volta do ano 250 d.C., mas passou boa parte da vida em Milão, na Itália. Ainda jovem, entrou, como São Jorge, para o Exército de Roma, no qual chegou a liderar a primeira corte da legião de infantaria.

Sebastião, como muitos soldados de Roma, tinha uma identidade secreta: era cristão. Foi, por isso, denunciado durante a grande perseguição de Diocleciano – outro ponto em comum com São Jorge – por fazer constantes visitas aos seguidores de Jesus Cristo encarcerados nas cadeias de Roma. Acusado, Sebastião não negou a fé e confirmou ao imperador que era adepto do cristianismo.

Após a condenação, ele foi amarrado em uma árvore e crivado de flechas pelos arqueiros mauritanos do Império, que receberam ordens para não atingir os órgãos vitais, para que a agonia fosse lenta. Dado como morto, teve o corpo jogado em um rio. Apesar disso, o soldado sobreviveu e foi

resgatado e tratado por Irene, viúva de Cástulo, um cristão também martirizado.

Recuperado das feridas, Sebastião desafiou Diocleciano no templo de Hércules, no dia 20 de janeiro, data em que se comemorava a divindade do imperador. No mesmo instante, Diocleciano ordenou que ele fosse assassinado por soldados, que o espancaram com bastões até a morte. O corpo do mártir foi jogado na cloaca máxima, de onde foi resgatado por cristãos, e sepultado em uma catacumba que hoje leva seu nome, na Via Appia Antica, uma estrada em Roma.

A devoção a São Sebastião cresceu durante a Idade Média, especialmente em virtude da fama que o santo tinha de proteger as cidades contra a propagação de epidemias. É possível que tal fato se justifique pela ligação, no imaginário ocidental, entre flechas e pestes. No famoso episódio inicial da *Iliada*, Apolo lançou flechas nos gregos durante o cerco a Troia. Furioso pela ofensa cometida por Agamenon contra seus sacerdotes, o deus espalhou entre eles febre alta e disenteria. Na vastíssima lista de milagres atribuídos a São Sebastião, afirma-se que o transporte de suas relíquias para uma basílica em Roma, em 680 d.C., interrompeu uma epidemia que devastava a cidade.

Os exemplos de São Jorge e São Sebastião mostram que a santidade foi, a princípio, decorrente do martírio. Isso passou a se modificar apenas após a conversão de Constantino e o lançamento do Édito de Milão, publicado em 313 d.C., determinando que o cristianismo não sofresse mais a interferência do Império Romano.

A partir de Constantino, o cristianismo se tornou uma religião institucionalizada, que não produzia mais mártires em profusão, e estes se tornaram mais escassos. Não era mais o martírio, mas a conduta do fiel em vida, que determinaria a santidade. O que passava a valer era a incessante luta contra vícios e tentações mundanas. Cada vez mais ganham fama os dispostos a abdicar de prazeres materiais e castigar a carne para exaltar o espírito que se entrega a Cristo. O santo passou a ser aquele que, pela maneira como viveu, podia interceder pelos humanos diante de Deus. Ao mesmo tempo que está próximo do divino, o santo está bem próximo das mulheres e dos homens: à distância de uma simples oração.

Passamos a ter menos santos como São Jorge e São Sebastião, militares romanos barbaramente torturados e mortos por terem se declarado publicamente cristãos, e mais como Simeão Estilita, o asceta que passou quase quarenta anos no cimo de uma coluna de pedra, no alto de um monte, para não ceder às tentações da matéria, visando aprimorar a espiritualidade, recebendo apenas comida e água de seus discípulos.⁵

São Jorge, como São Sebastião e tantos outros, se enquadra, portanto, naquela categoria de santos dos primeiros tempos da cristandade: aqueles que, vitimados pelas perseguições do Império Romano, sofreram o martírio e enfrentaram o suplício de forma extraordinária, ganhando,

5 Simas, 2022, p. 15.

por isso, a condição de estar, a partir da morte, suficientemente próximos de Deus e, ao mesmo tempo, dos humanos, sendo capazes de interceder ao Altíssimo por aqueles que padecem aqui na Terra.

Institucionalmente, e até hoje é assim, para a Igreja Católica, a santidade é reconhecida por um processo de canonização que só pode ocorrer após a morte do devoto, já que qualquer pessoa, enquanto viva, pode sucumbir ao pecado.